



Um olhar sobre a figura feminina no *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley

Bruna dos Santos Faria¹

Isabelle Soares²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar as personagens femininas da consagrada obra de Aldous Huxley, *Admirável Mundo Novo* (1932). Busca-se refletir sobre como se dá a representação da mulher, partindo não apenas da obra em si, como também do contexto histórico no qual foi publicada. *Admirável Mundo Novo* é uma distopia que propicia diversos debates acerca da influência da tecnologia e da ciência na vida em sociedade, e pouco se discute sobre a representação da mulher na obra. Ao analisar o livro de modo mais direcionado, podemos observar como a estrutura patriarcal da sociedade da época pode estar refletida na representação dessas personagens na narrativa, o que influencia nos rumos da trama e permite que determinadas violências passem despercebidas.

Palavras-chave: Huxley. literatura. feminino. representatividade.

¹ Graduanda em Letras (Português/Japonês), pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

² Graduanda em Letras (Português/Literaturas), pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Graduada em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá (2019).

Introdução

Publicado em 1932, o livro *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, traz a história de um mundo distópico, em que todos os seus habitantes vivem felizes e satisfeitos com a própria realidade e com a organização deste mundo: “Comunidade, Identidade, Estabilidade” é o seu principal lema. A narrativa surge em um momento fértil na produção literária e filosófica: as primeiras décadas do século XX estavam marcadas por transformações rápidas, em um mundo que se mostrava caótico. Procurava-se uma estabilidade social, sobretudo após a Primeira Guerra Mundial, tendo a tecnologia e a ciência favoráveis a essa procura. Com isso, os intelectuais não paravam de produzir reflexões sobre esse novo contexto, buscando compreender o que acontecia e, sobretudo, o que estava por vir.

É neste cenário que nasce a obra de Huxley, uma distopia sobre um mundo extremamente organizado, onde as pessoas vivem em paz, sem guerras e sem conflitos; mas também sem amor, sem paixão, sem emoções — nada que pudesse desestabilizar a ordem. Não há família, muito menos a figura paterna ou materna, mas sim a reprodução em massa, inspirada na linha de produção em série, instaurada no início do século XX por Henry Ford, o grande nome que rege essa sociedade. A história se passa em 632 d.F., ou seja, 632 anos depois de Ford, e a tecnologia é um dos elementos principais para a existência desses indivíduos, os Bokanovski, num mundo onde tudo era feito com maquinarias enormes e barulhentas — condizente com a tecnologia de que se dispunha nos anos 1930. Para além dos muros do “admirável mundo novo”, há o mundo “selvagem”, onde as pessoas ainda acreditam em deuses, vivendo de forma extremamente precária e sem recursos. O livro revela os prós e os contras de uma comunidade que se pretende totalmente estável, demonstrando até que ponto o ser humano pode ser capaz de chegar para manter essa ordem, e quais podem ser as consequências de um controle extremo.

O *Admirável Mundo Novo* é um livro extremamente marcante, sendo até hoje objeto de estudos que visam observar, principalmente, modos de organização social e o impacto da tecnologia e da ciência na vida em sociedade. O presente artigo, no entanto, terá o objetivo de analisar as personagens femininas que se apresentam no livro, buscando compreender qual era o papel social das mulheres, tanto no “admirável mundo

novo”, como no mundo “selvagem”, em paralelo com a visão que se tem da mulher no mundo real.

Contexto histórico

Tendo em vista a análise das personagens femininas em *Admirável Mundo Novo*, é preciso, primeiramente, compreender qual era a visão sobre a mulher no período em que foi publicado o livro. Com a industrialização, as mulheres passaram a ser exploradas não apenas dentro de casa, por seus maridos, mas também fora, nas grandes indústrias, sobretudo durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), enquanto os homens lutavam:

Durante a primeira guerra mundial, além da função de enfermagem, as mulheres ocuparam postos de trabalho nas indústrias de confecção, produzindo uniformes para soldados, paraquedas e outros artigos têxteis e para o vestuário. [...] Esses primeiros trabalhos executados pelas mulheres, e reconhecidos pela sociedade, eram desempenhados em troca de uma refeição ou de uma quantia irrisória de dinheiro. (TEIXEIRA, 2009, p. 238)

As lutas feministas começaram a se sobressair ao longo do século XIX, marcando ainda mais todo o século XX. As mulheres mostraram o seu poder de forma marcante na batalha pelo sufrágio feminino, que foi conquistado, na Inglaterra, em 1918, após muitos conflitos violentos.

No período entre 1920 e 1930 ganha força a figura da “mulher moderna”, aquela que podia trabalhar fora, mas sem deixar de cuidar de sua “feminilidade”, através de acessórios de beleza, roupas da moda e também pela maneira de agir. Nesta época, aparecem ainda mais revistas e manuais para a mulher, ditando regras de como era correto se vestir e se portar no meio social. Muitos homens se mostravam contrários a essas mudanças, enquanto, de outro lado, muitas mulheres denunciavam ainda a falta de direitos, a exploração e a presença majoritariamente masculina em todos os espaços. Um exemplo dessa reivindicação aparece na obra “Um teto todo seu”³, de Virginia Woolf, de 1928, em que “criticou o [...] patriarcalismo – sob o argumento de que os valores universais construídos haviam deixado as mulheres relegadas ao âmbito doméstico.” (MONTEIRO; GRUBBA, 2017, p. 265). Levantou questões importantes sobre a desigualdade de gênero no meio ficcional, apontando, por exemplo, a maior

³ Nota da edição: “Este ensaio baseia-se em dois artigos lidos perante a Sociedade das Artes, em Newnham, e a Odtaa, em Girton, em outubro de 1928. Os artigos eram demasiadamente extensos para serem lidos na íntegra e foram posteriormente alterados e ampliados.”

quantidade de escritores homens e o interesse que tinham em falar sobre as mulheres. “Possivelmente, quando o professor insistia com ênfase demais na inferioridade das mulheres, não estava preocupado com a inferioridade delas, mas com sua própria superioridade.” (WOOLF, s.d., p. 44)

A década de 1930 foi também um período importante para a reflexão sobre o papel da mulher na sociedade, ainda que as desigualdades se mantivessem gritantes e que muitos desses discursos fossem silenciados.

A mulher no “admirável mundo novo”

O que se espera de um indivíduo nessa sociedade é o afastamento de qualquer possibilidade de criação de vínculos fortes com outras pessoas, e também do desenvolvimento da subjetividade. Para isso, são oferecidas diversas atividades que mantêm todos sempre ocupados demais para refletir sobre a própria existência. As pessoas do “admirável mundo novo” devem viver trabalhando, consumindo e realizando as atividades sociais, como os esportes e o “cinema sensível”. Além disso, o sexo também é considerado uma destas atividades, com a serventia apenas de satisfazer desejos. Assim, a fim de evitar que aconteça envolvimento amoroso, a comunidade propõe que os indivíduos sempre revezem seus parceiros sexuais, sob o lema hipnopédico⁴: “cada um pertence a todos”. Para tratar quaisquer tipos de sentimento que ameacem a estabilidade social, o Estado distribui o “soma”, uma droga capaz de inibir fortes sentimentos e causar felicidade em seu usuário, sem efeitos colaterais.

A linha de reprodução em massa busca produzir centenas de indivíduos biologicamente iguais, enquanto existem diversos mecanismos que visam coletivizar ao máximo a percepção social dos sujeitos. A estabilidade social adquirida através dos métodos científicos propõe a igualdade entre todos os seres humanos. No entanto, é possível notar na obra diversos momentos em que existem diferenças entre ser homem e ser mulher. Como existe a reprodução em massa, o ato de ter filhos é banido da sociedade e considerado repugnante. Entretanto, as figuras materna e paterna são entendidas de formas bem diferentes. Apesar de ambas serem tratadas como vergonhosas, nota-se que a palavra “pai” é tida como motivo de riso, enquanto “mãe” é considerada uma palavra extremamente obscena.

⁴ Hipnopedia é um recurso de manipulação social no qual todos os indivíduos crescem ouvindo repetidas vezes frases que falam sobre as regras dessa sociedade.

- Meu pai! Essa palavra (porque “pai” não era uma expressão tão obscena; mais afastada dos aspectos repugnantes e imorais da gestação, era simplesmente grosseira, era antes uma inconveniência escatológica do que pornográfica), essa palavra comicamente indecorosa veio aliviar uma tensão que se tornara absolutamente intolerável. (1979, p. 87)⁵

A figura da mãe, por ser a que carrega o bebê durante a gestação, é tratada como imoral e muito mais inadmissível do que a figura paterna, o que acaba refletindo também na forma como se dá a noção de contracepção no “admirável mundo novo”. Diversas vezes durante a narrativa, a responsabilidade da gravidez é entendida como apenas da mulher, o que fica claro na quantidade exagerada de cuidados que as mulheres precisam ter para não engravidarem. Se, mesmo assim, alguma delas engravidar, existem as clínicas de aborto. Enquanto elas tomam inúmeros remédios e praticam exercícios para se protegerem da gravidez, em momento nenhum os homens dessa sociedade precisam ter qualquer tipo de cuidado.

- Sim, um bebê, e eu sou a mãe. - Atirou essa obscenidade, como um desafio, no silêncio escandalizado; depois, afastando-se repentinamente dele, envergonhada, cobriu os olhos com as mãos, soluçando.

- A culpa não foi minha, Tomakin. Porque sempre fiz meus exercícios malthusianos, não é? Não é? Sempre... Eu não sei como... (1979, p. 87)

As personagens femininas centrais para o desenrolar da narrativa são Lenina Crowne (em uma clara referência a Lenin, revolucionário comunista e chefe soviético entre 1917 a 1924) e Linda, enquanto as demais personagens femininas aparecem com muito menos destaque. O “admirável mundo novo” é organizado por castas, que são condicionadas biologicamente para desempenhar determinadas funções sociais. A narrativa se encaminha a partir de Bernard Marx, um integrante da casta Alfa Mais, que, no entanto, nasceu com uma deficiência, tendo a aparência de um Gama. Por conta deste traço, é discriminado por todos, mesmo pertencendo à uma casta alta e sendo tão inteligente quanto todos os outros. Como não consegue se enquadrar socialmente, Bernard é um dos poucos que não se sente satisfeito com aquele mundo, conseguindo desabafar apenas com Helmholtz, um amigo que é professor e escreve poesia às escondidas. O livro nos mostra que eles são os únicos a apresentarem qualquer inadequação com a própria realidade, além de Lenina, que em muitos momentos questiona a organização do mundo em que vivem, sem, porém, aprofundar-se em seus questionamentos como os outros dois personagens.

⁵ Todas as citações a seguir indicadas como (1979, p.) são referentes ao livro do qual tratamos neste artigo. HUXLEY, Aldous. Admirável Mundo Novo. 5ª Edição. Porto Alegre: Editora Globo, 1979.

Lenina Crowne é uma integrante da casta Beta (a segunda casta mais alta dentro deste mundo), que trabalha na Sala de Fecundação. Embora saiba que não deve se relacionar repetidas vezes com o mesmo homem, Lenina nutre um grande interesse por Henry Foster no início da narrativa, mostrando insatisfação quanto à obrigatoriedade de manter relações sexuais com vários homens. Para despistar seu envolvimento romântico com Henry, Lenina passa a encontrar-se com Bernard. A relação entre eles diz muito sobre a forma como Lenina se porta diante de possíveis subversões: toda vez que Bernard busca ter conversas que abordem a questão da individualidade, Lenina se mostra desconfortável, não se permitindo ter este tipo de reflexão.

- Isso me dá a sensação... - hesitou, procurando as palavras - ... a sensação de ser mais eu, se é que você compreende o que quero dizer. De agir mais por mim mesmo, e não tão completamente como parte de alguma outra coisa. De não ser simplesmente uma célula do corpo social. Você não tem a mesma sensação, Lenina?

Mas Lenina estava chorando.

- É horrível, é horrível - repetia. - E como é que você pode falar assim de não querer ser parte do corpo social? [...]

- Achei que, estaríamos mais... mais juntos aqui, sem nada além do mar e da lua. Mais juntos do que na multidão, ou mesmo do que em minha casa. Você não compreende isso?

- Não, eu não compreendo nada - respondeu ela com decisão, disposta a conservar sua incompreensão intacta. (1979, p. 55-56)

Embora Lenina demonstre insatisfações quanto ao modo de vida que lhe é imposto, ela não parece disposta ou capaz de aprofundar-se nestas reflexões. Higdon (2002), em seu artigo intitulado “The Provocations of Lenina in Huxley’s Brave New World”⁶, levanta uma questão acerca das roupas que Lenina usa. Cada casta possui uma cor específica de roupa, e através da hipnopédia as castas mais altas são levadas a sentir certa repulsa das cores de castas inferiores:

As crianças Alfas vestem roupas cinzentas. Elas trabalham muito mais do que nós porque são formidavelmente inteligentes. Francamente, estou contentíssimo de ser um Beta, porque não trabalho tanto. E, além disso, nós somos muito superiores aos Gamas e aos Deltas. Os Gamas são brancos. Eles se vestem de verde e as crianças Deltas se vestem de cáqui. (1979, p. 21-22)

Todavia, Lenina está sempre usando a cor verde, mesmo sendo uma Beta. O fato de Lenina usar uma cor inadequada à sua casta, pode ser um indicativo de que ela estava disposta a quebrar as regras de sua comunidade. A questão é que, em contextos nos

⁶ “As provocações de Lenina no ‘Admirável Mundo Novo’ de Huxley”

quais a personagem poderia de fato ser subversiva, Huxley parece deixar este aspecto adormecido:

Ou Lenina é conscientemente uma rebelde contra seu benevolentemente e totalitário mundo assim como os homens, mas não foi desenvolvida porque Huxley não conseguia conceber uma mulher rebelde, ou Huxley permitiu inconsistências grosseiras em suas páginas, que ameaçam a integridade de seu sistema fechado. (HIGDON, 2002, tradução nossa)

Existe também uma notória diferença nos diálogos entre as personagens masculinas e femininas da obra. As conversas entre Fanny e Lenina, por exemplo, representam um tipo de diálogo fútil e raso, característico do que é socialmente entendido como um diálogo feminino, falando sobre roupas e compras. A narrativa deixa claro que o consumo é incentivado no “admirável mundo novo”; no entanto, mesmo que a maior parte dos diálogos do livro tenha, pelo menos, um homem, apenas as personagens femininas aparecem abordando o assunto. Enquanto isso, os diálogos mais reflexivos e intelectuais partem sempre de uma mente masculina. Inclusive, praticamente todas as personagens femininas da narrativa são no máximo da casta Beta. A única personagem que aparentemente está numa posição de poder é a Srta. Keate, Diretora da Alta Escola, que aparece apenas para ilustrar a ascensão social de Bernard:

Na penumbra cinematográfica, Bernard arriscou um gesto que, outrora, mesmo na mais completa escuridão, não teria ousado esboçar. Seguro de sua recente importância, passou o braço pela cintura da Diretora. Ela cedeu, flexível como um salso. Ele ia colher um ou dois beijos, e talvez beliscá-la de leve, quando, com um novo estalido, se abriram as persianas das janelas. (1979, p. 94)

Embora a promiscuidade seja uma característica exemplar para todos os indivíduos, nota-se também que as personagens femininas da obra estão sempre esperando que o homem tome a atitude na hora do envolvimento sexual. A forma como homens e mulheres se referem a seus parceiros sexuais também é distinta.

- [...] Pode-se confiar que Henry Foster se portará como um perfeito cavalheiro, sempre correto. E, além disso, é preciso pensar no Diretor. Você sabe como ele dá importância...

Lenina fez um sinal afirmativo:

- Ele me deu um tapinha no traseiro esta tarde.

- Aí está! - exclamou Fanny, com ar triunfante. - Isso mostra exatamente quais são as idéias dele: o mais estrito respeito pelas convenções. (1979, p. 29)

- Lenina Crowne? - disse Henry Foster [...] - Ah, é uma garota esplêndida. Maravilhosamente pneumática. Admiro-me de você não a ter experimentado ainda.

- Não sei como foi isso - tornou o Predestinador Adjunto. - Hei de experimentá-la, certamente. Na primeira oportunidade. (1979, p. 30)

Ao falar sobre homens, Fanny e Lenina exaltam suas características, colocam-os como homens exemplares. Já na conversa entre Henry e o Predestinador Adjunto, apesar de estarem também elogiando Lenina, a forma como é dita se assemelha à objetificação. Tratar a mulher como um produto a ser experimentado é um detalhe que passa despercebido numa obra que retrata pessoas fabricadas em laboratório, entretanto, ao analisar as falas femininas e masculinas acerca de um mesmo assunto, percebe-se que há diferença entre elas. É possível, portanto, observar traços de machismo na obra, ainda que as regras sociais do “admirável mundo novo” sejam diferentes do mundo não-ficcional e não esteja explícita nenhuma distinção entre as funções sociais de cada gênero.

A mulher no mundo selvagem

A apresentação do mundo selvagem traz uma importante ruptura para a narrativa. Separado por uma fronteira, este mundo nos é exposto quando Lenina e Bernard viajam para Malpaís para conhecer o modo de vida dos “selvagens”. Enquanto Bernard se mostra extremamente interessado com tudo o que vê na Reserva, Lenina se horroriza a cada momento. Bastante diferente do mundo novo, é descrito como um local extremamente sujo e precário, onde as pessoas envelhecem, cultuam deuses e fazem danças de celebração; “a sujeira [...] os montes de imundície, o pó, os cães, as moscas. O rosto de Lenina franziu-se numa careta de nojo. Levou o lenço ao nariz” (1979, p. 66).

Os principais personagens desta parte da narrativa são Linda e seu filho, John. Sua trajetória é interessante e nos mostra mais uma vez o peso da gravidez para a mulher. Linda é uma Bokanovski da casta Beta, que, na Reserva, perdeu-se de Tomakin (o diretor do mundo novo, que conhecemos logo no início da narrativa), de quem estava grávida. Sozinha, foi encontrada pelos “selvagens” e levada para viver no “pueblo”. Como estava grávida quando se perdeu, não teve coragem de tentar voltar ao mundo novo, pela vergonha abjeta que a gravidez provoca nos Bokanovski. “- Tendo filhos como um animal! Se não fosse por sua causa [referindo-se a John], eu poderia ter ido procurar o Inspetor, poderia ter saído daqui. Mas não com um bebê. Teria sido vergonhoso demais.” (1979, p. 75)

Mesmo vivendo por anos na Reserva, Linda não se enquadrou naquele modo de vida, e em nenhum momento conseguiu compreender as diferenças culturais, pois os preceitos aprendidos pela hipnopedia nunca foram esquecidos por ela. A personagem permaneceu durante todo o tempo buscando manter o modo de vida que tinha, da forma que lhe era possível. Continuou com as práticas sexuais e, como não havia o “soma” a seu dispor, passava muito tempo tomando a bebida alcoólica que Pope, seu único parceiro fixo, levava para ela. No entanto, seguir esse estilo de vida resultou em consequências muito duras. Neste momento, vemos como o papel da mulher difere nos dois mundos. É possível observar em alguns trechos que a mulher se responsabilizava por cuidar das crianças e realizar alguns serviços domésticos, tarefas com as quais Linda nunca havia tido contato antes.

No mundo selvagem, Linda sofreu inúmeras agressões, tanto de Pope — que abusa dela sexualmente — quanto das mulheres do povoado. É possível perceber que as agressões se relacionavam diretamente com o fato dela ser uma mulher, violências típicas do mundo não-ficcional, vividas pelas mulheres ao longo da história. As visitas que recebia de vários homens do “pueblo” provocavam a revolta das demais mulheres. Em nenhum momento é mencionado qualquer tipo de retaliação com os homens que iam vê-la, enquanto Linda, em uma cena cruel, foi espancada pelas mulheres do povoado. John também era discriminado pelas outras crianças, não apenas por ser diferente delas, mas pela conduta de sua mãe. “Os meninos começavam a apontá-lo com o dedo. Empregando também aquelas outras palavras estranhas, diziam que Linda era má; chamavam-na por nomes que ele não compreendia, mas que sabia serem nomes feios.” (1979, p. 75)

É interessante observar também a conturbada relação de Linda com seu filho, que mesclava amor e cuidado com a raiva por atribuir a ele a culpa por estar naquele lugar. Mesmo não tendo ideia de como deveria cuidar de uma criança, Linda o ensinou a ler e cantava para ele canções de ninar, demonstrando em alguns momentos a importância que o filho tinha para ela. “[...] John foi um grande consolo, é verdade. Não sei o que teria sido de mim sem ele.” (1979, p.72). Demonstrava também um incômodo por não conseguir responder às perguntas que John fazia:

Há tanta coisa que a gente não sabe; não era minha obrigação saber. Quero dizer: se uma criança pergunta como funciona um helicóptero, ou quem foi que fez o mundo... bem, que é que se vai responder, quando se é uma Beta

que sempre trabalhou na Sala de Fecundação? Que é que se vai responder?
(1979, p. 72)

Embora fosse proposta a igualdade entre todos no “admirável mundo novo”, em diversos momentos Linda parece não saber nada além do que seu trabalho lhe permitia. Assim como, por vezes, Lenina demonstra ter muitas dúvidas acerca do funcionamento do mundo novo, sendo todas respondidas sempre por um homem, seja por Henry ou por Bernard, o que nos faz pensar sobre a igualdade de conhecimento entre os gêneros:

- Mas é estranho que os Alfas e Betas não façam crescer mais plantas do que aquelas horríveis Gamas, Deltas e Epsilons que vão ali.

- Todos os homens são físico-quimicamente iguais - disse Henry em tom sentencioso. - Além disso, até mesmo os Epsilons prestam serviços indispensáveis. (1979, p. 46-47)

Passaram-se os anos e Linda envelheceu na sujeira, engordou e se tornou completamente diferente do que se espera de um Bokanovski. A descrição da personagem é extremamente pejorativa em todos os momentos e traz uma figura monstruosa, demonstrando a enorme diferença entre os dois mundos. Mesmo com essa descrição, ainda há resquícios de objetificação da mulher:

Houve um resfolegar convulsivo, um murmúrio de espanto e de horror; uma das moças gritou; [...] Balofa, de carnes pendentes, um monstro de meia idade estranho e aterrorizador entre aqueles corpos juvenis e rijos, aqueles rostos lisos, Linda adiantou-se, sorrindo coquetamente seu sorriso desdentado e descolorido, e meneando as enormes ancas com o que pretendia ser uma ondulação voluptuosa. (1979, p. 86-87)

Quando Linda retorna para o mundo novo, encontra Tomakin, que a ignora completamente. Sua presença choca a todos, e ninguém sente o mínimo interesse por ela, tanto por ser uma Bokanovski como eles, como, principalmente, por sua aparência. Linda é abandonada novamente, dessa vez em um “pequeno quarto no trigésimo sétimo andar do edifício de apartamentos de Bernard” (1979, p. 90), com grandes doses de “soma”, que lhe encurtam o tempo de vida. Ela passa seus últimos dias dopada, viajando em um mundo à parte, não tendo consciência de nada a seu redor, enquanto John sofre com sua perda.

A relação de Lenina e John

Durante a viagem pela reserva, Lenina conhece John, que logo se apaixona por ela. John cresceu tendo acesso a várias obras de Shakespeare na reserva, o que moldou boa parte de sua relação com sentimentos amorosos. Baseando-se nos livros que lia e nos rituais religiosos do “pueblo”, que envolviam sacrifício para demonstrar honra, o

Selvagem sentiu-se indigno daquela paixão. A grande obsessão de John por Lenina se assemelha às relações no romantismo, nas quais o homem idealiza uma mulher pura e casta. A diferença cultural dificulta bastante a relação dos dois, que, apesar do interesse mútuo, não conseguem se compreender. Enquanto Lenina acha que a falta de atitude sexual de John significa que o rapaz não está interessado nela, John acredita que, para merecer o amor de Lenina, precisa fazer grandes gestos que comprovem sua dignidade.

O resultado dessa falta de compreensão de uma cultura diferente tem um custo muito alto para ambos. Após declarar-se para John e perceber que o sentimento do selvagem é recíproco, Lenina age com a promiscuidade ensinada em seu condicionamento, causando em John uma imensa revolta. Frustrado ao perceber que Lenina não era a mulher pura que esperava, John desconta sua fúria nela, chegando a agredi-la:

O Selvagem tomou-lhe os pulsos, arrancou de seus ombros as mãos de Lenina e repeliu-a brutalmente.

- Ai, você está me machucando, você... oh! - Ela calou-se de repente. O terror fizera-lhe esquecer a dor. Abrindo os olhos, vira aquele rosto... não, não era o rosto de John, mas o de um estranho feroz, um rosto pálido, desfeito, contraído por um furor insensato e inexplicável. (1979, p. 111)

Uma das agressões mais chocantes contra a mulher se dá no final do livro, quando John, durante um ritual de autoflagelação, é importunado por uma multidão que vê os costumes do selvagem como entretenimento. Neste momento, Lenina aparece e vai em direção a John, que, no entanto, a chicoteia. A narrativa destas cenas é confusa, e não fica explícito o que acontece com Lenina após a agressão. Uma orgia começa e John finalmente cede ao “soma” e aos prazeres sexuais, o que leva a seu suicídio. Em momento nenhum Lenina é retomada e a agressão se torna apenas mais um detalhe diante da situação conturbada que John enfrenta.

Considerações finais

O *Admirável Mundo Novo* é um livro que se destaca no tema da distopia, sendo uma publicação que propicia inúmeros debates sobre o impacto da tecnologia e da ciência na tentativa de construir uma sociedade organizada. Com isso, porém, a representação das personagens femininas se torna apenas um detalhe que passa despercebido, mesmo com algumas das agressões absurdas que são descritas ao longo da narrativa. Todas as cenas de violência existentes no livro são contra a mulher (com

exceção dos rituais religiosos dos selvagens), e também podemos encontrar traços de assédio em diversos níveis, desde a forma como os homens se referem às mulheres, até o próprio abuso sexual que Linda sofre.

A partir de uma análise mais atenta de alguns detalhes em torno das personagens femininas, podemos refletir que alguns deles poderiam apontar para uma contradição dentro deste mundo distópico. Como é demonstrado na forma como os homens se referem às mulheres no “admirável mundo novo”, em contraposição à forma como elas se referem a eles. Se todos os indivíduos são iguais e em nenhum momento está explícita qualquer diferença entre homens e mulheres, o que poderia justificar essas divergências? Para melhor compreender isso, fizemos uma breve reflexão histórica acerca da mulher dos anos 1920/1930. A obra reflete como a violência contra a mulher está enraizada na sociedade, a ponto de ser naturalizada e não receber destaque na narrativa.

Retomando a reflexão de Virginia Woolf, podemos perceber que a falta de mulheres escritoras aponta para uma desigualdade na estrutura de uma sociedade patriarcal. Da mesma forma, nos é possível refletir sobre a falta de personagens femininas que sejam de fato subversivas. Analisando, por exemplo, a Lenina, vemos uma personagem potencialmente revolucionária em seu meio que, no entanto, vai sendo deixada de lado e se torna apenas um objeto de desejo das personagens masculinas. Numa perspectiva anacrônica, apontamos para a falta de representatividade de personagens femininas pela ausência de mulheres em diferentes funções sociais na estrutura patriarcal dos anos 30. Se mesmo hoje, com um número expressivos de reflexões feministas perpassando a sociedade, vemos questões importantes passando despercebidas, dificilmente seriam observadas em 1930, quando os debates feministas começavam a ganhar notoriedade. Por isso, foi importante ao longo da história existirem representações de mulheres fortes e com trajetórias relevantes na literatura, que precisam continuar existindo para que seja cada vez mais natural conceber a existência histórica e significativa das mulheres.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulheres no Cotidiano: Educação e Regras de Civilidade (1920/1950)**. Revista Dimensões, Vitória, v. 33, p. 336-359. 2014. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/9109/6415>> Acesso em: 28 abr. 2020.

EYLEM, Jessica. **The Women of Brave World: Aldous Huxley and the Gendered Agenda of Eugenics**. Bowling Green State University: Ray Browne Conference on Cultural and Critical Studies, 2018. Disponível em: <<https://scholarworks.bgsu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1156&context=rbc>> Acesso em: 2 Mai. 2020.

HIGDON, D. L. **The Provocations of Lenina in Huxley's Brave New World**. International Fiction Review, v. 29, n. 1. 2002. Disponível em:

<<https://journals.lib.unb.ca/index.php/IFR/article/view/7719>> Acesso em: 02 mai. 2020.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. 5ª Edição. Porto Alegre: Editora Globo, 1979. Disponível em:

<http://www.forum.fequimfar.org.br/Anexos/admiravel_mundo_novo.pdf>

Acesso em: 27 abr. 2020.

_____. **Regresso ao Admirável Mundo Novo**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.

LORAUX, Nicole. **Elogio do anacronismo**. In: NOVAES, Adauto. Tempo e história. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

MONTEIRO, Kimberly Farias; GRUBBA, Leilane Serratine. **A luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo: de Suffragettes às Sufragistas**. Direito e Desenvolvimento, João Pessoa, v. 8, n. 2, p. 261-278, 2017. Disponível em:

<<https://periodicos.unipe.br/index.php/direitoedesenvolvimento/article/download/563/441/>> Acesso em: 30 abr. 2020.

TEIXEIRA, Cíntia Maria. **As Mulheres no Mundo do Trabalho: Ação das Mulheres, no Setor Fabril, para a Ocupação e Democratização dos Espaços Público e Privado**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 25, n. 2, p. 237-244. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ptp/v25n2/a12v25n2.pdf>> Acesso em: 29 abr. 2020.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Círculo do Livro, s.d. Disponível em: <<https://iedamagri.files.wordpress.com/2014/07/uma-hipotc3a9tica-irmc3a3-de-shakespeare-um-teto-todo-seu.pdf>> Acesso em: 28 abr. 2020.